

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2017. 17h28min.
Terça - feira. Tempo ensolarado. Max 23° Min 19°.

Prezada Livia,

Li o seu texto de uma tacada só. É, de novo e de novo. Fui atingida pelo verbo. Repetir, repetir, até ficar diferente, como diz Manoel de Barros, para desacostumar as coisas. A palavra indelével buscando outras vias. Perdi o sossego e o absurdo do real se escancarou na minha cara com o verbo "tatuas" se multiplicando na voz de um, de muitos, no pensamento indignado, espantado, horrorizado de alguém (minha?) a manteladas. Pensei, e se ele ficasse roando durante um tempo maior de páginas? Tatuaram palavras na testa do garoto... gerou-me um desejo de dizê-las até retirá-las de sua testa. E do meio delas dessurgir um homem torpe de cabelos grisalhos com seus gestos "deantes". Fiquei brincando também de como trazer isso para a cena? Um prólogo? Como na poesia concreta que propunha ocupar a página de um modo diferente, como vibrar o espaço com palavras que nos remetem a tantas imagens conhecidas? Tem ator, não tem ator? São vozes apenas? Uma voz? Cheguei a sentir a peça sendo feita em RAP. Tudo tão atual. É o risco de cair em mera representação do real? Ou concitual demais? Ah,

lembrei de um pedaço de texto do livro "O ator-performer e as poéticas da transformação de si" de Caniano Sydon Guilici, no capítulo "O "contemporâneo" e as experiências do tempo", que você deve conhecer, onde ele aponta a necessidade de "des-atalizar-se", que gostei muito e deu vontade de escrever aqui. Ele vem falando sobre Nietzsche de como ele vai valorizar a relação de combate com a época em que se vive e continua

"... Para que se possa saber experimentar o presente e também posicionar-se com contundência é necessário sentir-se uma espécie de estrangeiro em relação ao seu próprio tempo. Perceber-se como extemporâneo pode designar justamente esta experiência de inadequação, este deslocamento daquilo que se apresenta como a atualidade. Fomos-me para fora do círculo do fechado do presente histórico e do atual, habitando as margens do meu tempo, para sondar aquilo que ora se apresenta apenas como possibilidade virtual aos meus contemporâneos. A palavra "atualizado" traz aqui também o sentido daquilo que já está realizado e preexistente, opondo-se às virtualidades e às potências que latizam no momento. Nesse sentido, poderíamos dizer que é necessária uma "des-atualização", para que não nos tornemos escravos de uma ideia de tempo presente como uma configuração estável e já dada,

com o qual devemos sintonizar. Des-actualizar-se pode ser, neste caso, abrir-se para possibilidades humanas que o tempo presente obscureceu e atrofizou." (pag 29)

Trouxe isso porque, de certa forma, acho que seu texto dialoga com esse trecho de Chvilici e há, também, nele, um exercício rico literário de gênero e figuras de linguagem. Uma trama que contém poesia, fabula, ironia, drama, diálogos, etc, exercício formal de re-invenção da história. Porém, fiquei pensando que se você seguisse com essa pesquisa o texto ainda teria muito a ganhar. desdobrando-se a partir de apontamentos que residem, ali, nele mesmo. Por exemplo, você diz que o homem quialho vai perder o domínio da linguagem em breve e o garoto, que não tem manejo com palavras vai descobrir a linguagem. Isso não acontece. Quer dizer, acontece, parcialmente, com o homem, mas, essa progressão ou essa regressão poderia pulsar mais. De alguém que vai aprendendo, ou, inventando uma linguagem e outro que desaprende ou pifa ou qualquer outro tipo de processo que se dá com as personagens e cria uma experiência pra quem testemunha o fato (no caso, o espectador) e desde o começo você nos convida a isso. Você está falando sobre as relações que temos com a linguagem, isso já nos faz pensar numa imensidão de questões que põe nossos cabelos em pé e um contato mais

ruído com ela pode proporcionar um exercício estético fabuloso. Estou estudando um livro "Eles eram muitos cavalos", de Luiz Ruffato (se você não tiver lido posso compartilhar o livro com você). Lá, você tem textos em forma de carta, reitirações, classificados de jornal, mitologia, etc) e, ainda, Ruffato chama esse conjunto de romance. Para desconstrução. Extremamente político, ilumina pedacos e habitantes de uma cidade, no caso, São Paulo que, geralmente, ninguém vê ou não quer ver.

Em Subjuntivo, é comovente como a opressão que o garoto sofre se transforma em ação, sua tomada de consciência até ganhar voz e ocupar ^o os espaços. Tem um momento em que ele pergunta um monte de coisas e a mãe não sabe responder, como se ^{foi} o tempo da infância ignorante de tudo percebendo tudo. É bonito. Mas, tive, lá pelas tantas quando ele diz "Promete que não vai se ^{de} mir" pra mãe, uma impressão dele estar um pouco vitimizado. Certamente, ele é vítima, sim, desse sistema (feito por pessoas) que o despreza e o teme, mas, ele vitimizar-se pareceu enfraquecer o percurso de tomada de consciência e de luta. Tive a impressão ^{que} ali, que há um apelo sentimental que desviou e empobrecer um pouco a minha relação com a personagem.

É, em alguma proporção, principalmente no final, pensei se entre o garoto e a narradora não poderia haver mais distinção. A não

ser que seja para que soem, propositalmente, parecidos. É isso? Porque achei o modo e o conteúdo do discurso deles muito próximos.

É o fato de não haver rubrica fez-me entender algumas passagens como elipses de tempo, achei bem interessante. Os tempos verbais também criam essa expansão. É da realidade essa coexistência de tempos e espaços e o seu texto nos faz compreender que gestos absurdos os atravessam incessantemente, que são o machado escondido atrás da porta (nem tão escondido assim) prestes a cair sobre novos penoscos, aproveitando-se de qualquer desatenção. É apropriado perguntar, constantemente, por onde este homem grialho anda e reinventar maneiras de desarticula-lo usando palavras e gestos.

Siv, parabéns de mais pela escrita e espero que essa troca seja tão bacana pra ti quanto foi pra mim.

Abraco carinhoso,

Mina ☺